

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E SUAS FACETAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A AUTONOMIA DO SUJEITO EM SUA APRENDIZAGEM

Carlos Roberto Moreira de Souza Marinho / Universidade do Estado da Bahia – Caetité /
crmarinho@outlook.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas considerações sobre o princípio da autonomia na aprendizagem de sujeitos inseridos na modalidade de ensino superior à distância. Trata de uma questão frequentemente abordada em estudos, mas que ainda é um grande desafio para o sucesso dos processos educacionais dentro da EaD. Entender o conceito de autonomia e o seu propósito é extremamente importante para definir novos rumos e auxiliar alunos e professores em um fazer educação muito mais significativo para todos os agentes envolvidos na trajetória educacional. O estudo tem seu referencial teórico-metodológico baseado na produção de educadores-pesquisadores da área, que entendem a urgente necessidade de respostas à modalidade de ensino a distância. Ao fim, percebeu-se que, para que exista uma autonomia na produção de conhecimento, há uma necessidade de ruptura com antigos padrões de ensino e a reorientação do sujeito para a construção de competências e habilidades inexistentes. Ora vista que, historicamente, os sujeitos são orientados para padrões tradicionais de ensino e para “receber conteúdos e assimilá-los”, tendo, na EaD, a necessidade de tomar a informação e transformá-la em conhecimento.

Palavras-chave: Educação. Educação a Distância. Autonomia. Aprendizagem.

Abstract: This paper aims to present some considerations about the principle of autonomy in the learning of subjects inserted in the distance learning higher education modality. This is an issue often addressed in studies, but it is still a major challenge for the success of educational processes within DE. Understanding the concept of autonomy and its purpose is extremely important to define new directions and assist students and teachers in making education much more meaningful for all agents involved in the educational path. The study has its theoretical framework based on the production of educators-researchers in the area who understand the urgent need for answers to distance learning modality. In the end, it was realized that there is autonomy in the production of knowledge there is a need to break with old teaching standards and the reorientation of the subject to the construction of nonexistent skills and abilities. However, historically the subjects are oriented to traditional teaching standards to “receive content and assimilate it”, having in EaD the need to take the information and transform it into knowledge.

Keywords: Education. Distance learning. Autonomy. Learning

Introdução

O presente artigo busca tecer algumas considerações sobre o modelo de aprendizagem da educação superior a distância, baseado no conceito de autonomia do sujeito, o qual exige dos estudantes habilidades muitas vezes inexistentes. Nos estudos que tratam de Educação a Distância (EaD), é comum a referência à autonomia como pressuposto necessário para estudar e se alcançar sucesso nos estudos dentro da modalidade. Entretanto, o resultado dos estudos, quase sempre, revela um cenário de carências de novas pesquisas, na tentativa de novas definições e orientações para a aprendizagem significativa.

Desta forma, o problema que se coloca para esta pesquisa é: que autonomia é esta, defendida por teóricos da área e quais competências a define? Ao tempo, elenca alguns elementos essenciais e importantes para a consolidação dessa autonomia, como o perfil do aluno da EaD e do professor, sujeito que, na modalidade, tem sua missão transformada.

Na busca de possíveis respostas aos objetivos propostos, utilizou-se, enquanto metodologia, a pesquisa biográfica. Neste processo, foi realizado um levantamento de produções científicas a partir de palavras chaves, termos e conceitos do cenário da pesquisa, baseando-se em sites de divulgação de conhecimentos como o SCIELO - Scientific Electronic Library Online (Biblioteca Eletrônica Científica Online), CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações).

O artigo foi estruturado em três seções: em um primeiro momento, apresenta-se uma breve reflexão sobre a categoria autonomia; em um segundo momento, exibe-se algumas considerações sobre o sujeito aluno e sobre as características da autonomia necessária à sua aprendizagem; por fim, no terceiro momento, elenca-se algumas questões sobre o ser professor neste processo totalmente reinventado de construção de saberes.

Autonomia: considerações necessárias

Nos últimos anos, a Educação a Distância (EAD) tem sido apontada como possibilidade e alternativa para as inúmeras carências educacionais e, por vezes, tem sido posta como uma chave de salvação para muitos contextos. Estar atualizado e capacitado para o mercado de trabalho é uma das maiores exigências na sociedade moderna e grande anseio dos sujeitos sociais. O desenvolvimento da EaD no Brasil e o crescente número de estudantes nas últimas décadas são eventos que constatarem este desejo pela aprendizagem e capacitação.

Neste processo, a autonomia do aluno vem sendo posta como o principal elemento sobre o qual se sustenta e edifica a modalidade educacional que, culturalmente e tecnicamente, se estabelece a partir das tecnologias de informação e comunicação. Neste interim, a modalidade se consolida num

processo histórico, considerado como a Era da Informação volátil, na qual o conhecimento se faz de formas múltiplas e a qualquer lugar, com e sem relação com outros sujeitos.

Embora o formato seja amplamente reconhecido pela sua acessibilidade e qualidade, o que garante sua eficiência vai além dos profissionais de ensino e recursos utilizados. Nesta forma de fazer educação, o discente é a grande estrela, sujeitos de sua própria formação, que ocorre de modo autônomo e em um ritmo próprio.

Entretanto, antes de avançar na exposição, faz-se necessário tecer algumas notas sobre o conceito de autonomia, de modo a contextualizar este que é imprescindível ao entendimento da discussão em foco. Partindo da etimologia da palavra, o termo tem origem em duas palavras gregas: *auto* (auto = “próprio”) e *νόμος* (nomos = “lei”), o que, na modernidade, é tomar como a soberania e capacidade do indivíduo social, aqui educando, tomar decisões e construir saberes baseados nas informações que lhe cerca e nas suas percepções de mundo. No contexto do Ensino a Distância, o termo autonomia é usado no tocante à independência do aluno no processo educativo em relação a outras modalidades de ensino tradicionais. Interage numa dualidade com outros conceitos, apresentando-se como liberdade na escolha dos caminhos do processo educativo. Sobre esse conceito, Vicente Zatti afirmar o seguinte sobre a autonomia, pontuando que:

...como ela se dá no mundo e não apenas na consciência dos sujeitos, sua construção envolve dois aspectos: o poder de determinar a própria lei e também o poder ou a capacidade de realizar. O primeiro aspecto está ligado à liberdade e ao poder de conceber, fantasiar, imaginar, decidir, e o segundo, ao poder ou capacidade de fazer. Para que haja autonomia, os dois aspectos devem estar presentes e o pensar autônomo precisa ser também fazer autônomo. O fazer não acontece fora do mundo (ZATTI, 2007, p.12).

Immanuel Kant (1999) e Paulo Freire (2002), grandes teóricos da aprendizagem, nos revelam algumas considerações mais relevantes para o estudo da autonomia do sujeito no processo de aprendizagem. Sobre isso, ainda correlaciona a liberdade nesta trajetória, o que, segundo Kant (1999):

É preciso habituar o educando a suportar que a sua liberdade seja submetida ao constrangimento de outrem e que, ao mesmo tempo, dirija corretamente a sua liberdade. Sem essa condição, não haverá nele senão algo mecânico; e o homem, terminada a sua educação, não saberá usar sua liberdade. É necessário que ele sinta logo a inevitável resistência da sociedade, para que aprenda a conhecer o quanto é difícil bastar-se a si mesmo, tolerar as privações a adquirir, o que é necessário para tornar-se independente (KANT, 1999, p. 32).

A partir disso, Kant (1999) nos revela a importância de se direcionar e cultivar no sujeito a autonomia, para que este compreenda e direcione suas atitudes e processos para uma trajetória de escolha única e particular, partindo do meio e do externo, mas consciente do desejo interno.

Semelhantemente, Freire (2002) nos elucida que a autonomia é um estado do vir a ser, algo que se desenvolve no sujeito de modo processual, um amadurecimento interno que direciona suas ações no espaço e tempo. Assim, “ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se construindo na experiência de várias e inúmeras decisões que vão sendo tomadas” (FREIRE, 2002, p. 120).

Desejo de aprender e a autonomia da aprendizagem: o aluno

Seja qual for a modalidade, um fato inquestionável é que a aprendizagem se faz a partir do desejo do sujeito. Pensar educação e processos de ensino-aprendizagem é pensar o aluno, indivíduo que precisa se vê como agente corresponsável pelo processo. Dentro da educação a distância, o aluno é o principal responsável pelo conhecimento que vai ser construído. É ele quem determina o ritmo e estabelece a forma como vai gerenciar o tempo (PETERS, 2003). Nesta perspectiva, pode-se considerar como autônomo, o indivíduo que tem ou que desenvolve a capacidade de administrar seus compromissos e atividades. Mais do que isso, trata-se da aquisição de conhecimentos, habilidades e competências que o indivíduo realiza por sua conta, seja através do estudo, seja através de experiências.

Estas características colaboram para a definição de uma aprendizagem autônoma, um processo no qual o discente passa, sendo totalmente, ou quase toda parte, realizado de modo independente. Cabe a este, ainda, o bom senso e

a construção de auto avaliação crítica, verificando se obteve realmente sucesso nos processos de produção de conhecimento.

No que diz respeito ao saber de um aluno, caracterizado como autônomo na EaD, Arcúrio (2008) afirma que:

Um aprendiz autônomo no universo da educação a distância deve saber utilizar de certa forma os recursos tecnológicos que a modalidade disponibiliza, adequando as diversas necessidades individuais de acordo com a flexibilidade de horário para o estudo, atendimento personalizado, inovação das metodologias de ensino, aperfeiçoamento e novas oportunidades de avaliação da aprendizagem, sem manchar suas normatizações legais, assim como o grande crescimento de um relacionamento interpessoal (ARCÚRIO, 2008, p. 02).

Compreende-se que, na aprendizagem autônoma, o educando não é um objeto, pronto e acabado, mas sujeito ativo que realiza sua própria aprendizagem e abstrai saberes ressignificando-os em sua realidade. Peters (2009) elucida que esta autonomia atribuída ao processo de formação do aluno está associada a outros fatores como a disciplina, compromisso, motivação, persistência e planejamento pessoal. Neste percurso, o aluno deve alcançar as competências para criar significados a partir dos conteúdos expostos ou incluir ideias e conceitos novos em sua estrutura de conhecimento prévios (RACK, 2011).

Behar e Silva (2012), em um estudo com abordagem quanti-qualitativa, mapearam as competências necessárias aos alunos da EaD, destacando as habilidades diagnosticadas. Ao final da pesquisa, levantou-se um total de doze competências, algumas delas já citadas no presente estudo e outras a saber: *administração do tempo*; *organização*; *autoavaliação*; *flexibilidade*; *automotivação*; *planejamento*; *reflexão*, que se baseia na análise crítica de situações, atividades e modos de agir; *fluência digital*, que está ligada à utilização da tecnologia de modo que o sujeito sinta-se digitalmente ativo; *autonomia*, aqui dada como competência de “interpretar dados e situações, realizar escolhas complexas, antecipar situações, selecionar, sistematizar, relacionar, interpretar dados e informações, tomar decisões”; *comunicação*, fundamentada na clareza e na objetividade da expressão oral; *presencialidade virtual*, que nada mais é do que a interação com os colegas e a realização das atividades; *trabalho em equipe*, muitas vezes deixado de lado, mas essencial no processo de construção

do conhecimento que, mesmo autônomo, não se faz de forma solitária e desligada dos demais sujeitos.

Assim, o discente que consegue articular todas essas características, chamadas por Peters (2009) de fatores processuais da aprendizagem, consegue alcançar com mais facilidade os objetivos de aprendizagem desejados, construindo novos conhecimentos e uma formação mais significativa. Para Cerdeira (*apud* PRETI, 2000):

Quando um estudante recebe informações que o levam a pensar que o seu sucesso se justifica pela conjugação das suas capacidades com dispêndio de esforço, este desenvolve a sua percepção de auto eficácia, melhora a qualidade de sua execução e, de acordo ainda com a teoria cognitivo-social, eleva o seu estado de motivação (CERDEIRA *apud* PRETI, 2000, p. 10).

Desta forma, na EaD, o educando passivo, fruto de um ensino tradicional, dá lugar a um aluno ativo e articulado, que desenvolve competências que permitem observar seu desempenho e, desta forma, trilhar seu caminho, aprendendo com os erros e acertos. Preti (2000) relaciona que a autonomia é nata do sujeito e que a chave do processo está em se construir por si mesmo, sem uma dependência explícita de outros agentes.

Na formação a distância, ao contrário da tradicional, presencial, o aluno não é inteiramente conduzido pelas orientações do professor, pois ele precisa servir-se das informações e espaços de interação digitais que mediatizam sua formação, fazendo-a significativa para si. Ao educando, é necessário que compreenda todas as exigências, já apresentadas, que diferem da sua forma de atuar das demais experiências presenciais e que influenciam nas respostas aos seus objetivos pedagógicos. Estabelecendo-se como sujeito ativo e responsável no seu processo de formação, o aluno deve participar dos espaços de discussões e reflexões, construir relações com outras entidades, que também estão no processo, com objetivos similares, dar opiniões, ouvir e ser ouvido.

Entretanto, mais que ter as competências dispostas anteriormente – organização, planejamento, disciplina, entre outras – é necessário ao aluno confiança em si mesmo e em sua capacidade de aprender. Em todo processo

educacional, somos direcionados por um sistema e para um sistema de aprendizagem tradicional, onde o conhecimento vem engessado e pronto para ser meramente transferido e isso pode ser desestimulante.

De mesmo modo, na EaD, as práticas pedagógicas seguem o mesmo parâmetro, com apostilas, materiais e conteúdos sistematizados, mas exige uma postura ainda mais crítica e autônoma do aluno, questionando, problematizando e construindo conexões críticas, para que exista uma consolidação da construção do conhecimento.

Desejo de ensinar e a autonomia da aprendizagem: o professor

Quando se pensa em processo autônomo de aprendizagem, imagina-se algo solitário e distante de relações interpessoais. Entretanto, neste percurso, o discente não está sozinho, embora o sentimento de solidão quase sempre se faz presente. Dentro do corpo que compõe a EaD, a figura do docente se faz presente e, na autonomia da aprendizagem, exerce uma função extremamente importante e necessária.

Ao contrário da educação tradicional, o professor na EaD não exerce uma função de mero transmissor de informações e conteúdo, como pontua Gottardi (2015):

Na EaD, o professor-tutor deve desenvolver mediação pedagógica que possa promover o pensamento dos alunos, bem como auxiliá-los a implementar seus projetos e compartilhar problemas, auxiliando-os e instigando-os a entender, analisar, testar e corrigir suas dúvidas e falhas, com o objetivo de desenvolver seus conhecimentos, incentivar a aprendizagem e o pensamento (GOTTARDI, 2015, p. 36).

Deste modo, o trabalho docente se transforma e o professor tem a sua função reelaborada dentro do cenário educacional, ganhando contornos distintos daqueles vistos no ensino tradicional. Assim, o fazer docente é transformado em detrimento da edificação e conquista da autonomia do sujeito, sendo que direciona, para o plano do aluno, intenções e funções que antes estavam a cargo do professor, como pesquisar, buscar informações e problematizá-las. Ao educador, caberá outras atribuições de trabalho que contribuam para a formação do educando, sendo um grande desafio coletivo para o aluno e professor que,

enquanto profissional em uma modalidade de novas exigências, também está se construindo como autônomo, num processo contínuo de ensino-aprendizagem. Segundo Schnitman (2010):

Quanto mais conheçamos sobre as características individuais e cognitivas do sujeito aprendente, melhor será o planejamento de qualquer estratégia pedagógico-didática, visto que esta poderá melhor adequar-se à diversidade em questão. Considerando que na educação online toda a interação ocorre através de uma interface digital, conhecer mais sobre as características individuais dos alunos virtuais poderá possibilitar uma melhor mediação do processo de ensino e aprendizagem (SCHNITMAN, 2010, p. 03).

Desta forma, neste sistema, o educador orienta e cria condições para o discente desenvolver formas de adquirir conhecimento a partir da informação que está disponível de diversas formas e em diversos lugares, ou seja, proporciona-lhe condições para alcançar a pretendida autonomia na aprendizagem. Para Serafini (2012):

Cabe aos envolvidos nos cursos de EaD (professor, tutor, técnicos e toda equipe pedagógica) proporcionarem meios que despertem, no aluno, a curiosidade e as potencialidades de criar e construir o próprio saber, de forma que ele consiga se desvencilhar de todos os mecanismos de passividade envolvidos [...]. Essa imagem de uma aprendizagem passiva, que o sujeito só recebe e se mostra individualizada, reforçando o sentimento de solidão do aluno, é um desafio para a criatividade dos gestores de cursos, professores e tutores em EaD (SERAFINI, 2012).

Assim, tendo consciência de seu trabalho e a importância dele, o docente precisa verificar as necessidades do público que atende e, a partir disso, estabelecer a sua atuação. O professor, no campo da sua atuação EaD, precisa ter a percepção das dificuldades existentes no processo de construção de conhecimento de seus educandos. Uma vez professor desta modalidade, carece conhecer suas especificidades e sua missão, colocando-se não como um agente central, mas o seu aluno.

Nesta perspectiva, cabe a necessidade e obrigação de entender o seu aluno, cativá-lo e engajá-lo na práxis. Em tempo, deixar de lado a vaidade humana que, por si só, existe dentro de cada um e tomar o outro como o centro

deste processo, oferecendo bases para a sua edificação. Neste processo, segundo Haidt (1994):

Quando o professor concebe o aluno como um ser ativo, que fórmula ideias, desenvolve conceitos e resolve problemas de vida prática através de sua atividade mental, construindo, assim, seu próprio conhecimento, sua relação pedagógica muda. Não é mais uma relação unilateral, onde um professor transmite verbalmente conteúdos já prontos a um aluno passivo que o memorize (HAIDT, 1994, p. 61).

Assim, na EaD, a prática pedagógica precisa se aproximar ao máximo de algo construtivista, oportunizando aos estudantes a construção de conhecimentos de forma colaborativa e significativa. Se, na modalidade presencial, o papel de um professor passivo e tradicional já nos parece inaceitável, na EaD, isso é inadmissível.

Neste processo, cabe ao professor conhecer o perfil dos educandos com que se vai trabalhar, para que ele consiga planejar práticas e ações pedagógicas adequadas ao aluno e a sua sala de aula, aqui virtual. Conhecendo os alunos, seus níveis de habilidades e dificuldades, domínio de conhecimentos e competências educacionais e técnicas, o professor terá mais condições de agir em detrimento dos seus.

Ao professor, embora seja tarefa difícil, cabe o duplo ser: o primeiro, educador, que tem a missão de orientar e direcionar o sujeito na construção do seu conhecimento; e o segundo, não desassociado do primeiro, enquanto sujeito humano que precisa se mostrar presente, tornando a experiência digital algo próximo, significativo e verdadeiro, trazendo, para o contexto, o que a máquina por si só afasta, o estar e sentir o outro sujeito. Ao educador, é necessário demonstrar que está presente e ao lado do aluno, mesmo que separados por espaço/tempo, sendo capaz de construir vínculos mais autênticos com o educando e ajudá-lo a alcançar a aprendizagem pretendida.

Considerações finais

A concepção de autonomia em EaD desenvolve-se enquanto perspectiva de aprendizagem pautada na flexibilidade e liberdade do aprendiz conduzir seu processo de formação de uma maneira mais pessoal e de acordo com as suas

necessidades. Pressupõe a existência de relação interativa do educando com os conteúdos, o curso em si e sua vida diária.

Ao longo dos anos, inúmeras pesquisas produzidas garantiram que aprender, nesta modalidade, é altamente proveitoso, mas discussões como esta ainda se fazem necessárias. Identificar os desafios existentes é uma forma de colaborar no pensamento de novas estratégias e processos de intervenção que venham garantir a conservação das conquistas históricas da EaD realizadas até aqui.

Referências

ARCÚRIO, M. S. F. **Autonomia do aprendiz na educação a distância**. 23 dez. 2008.

BEHAR, Patricia Alejandra; DA SILVA, Ketia Kellen Araújo. **Mapeamento de competências: um foco no aluno da educação a distância**. *Renote*, v. 10, n. 3, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GOTTARDI, Maria de Lourdes. **A autonomia na aprendizagem em educação a distância: competência a ser desenvolvida pelo aluno**. *RBAAD–Rev. Bras. De Aprendizagem Aberta e a Distância da Assoc. Bras. Educ. a Distância–ABED*, v. 14, n. 1, p. 110-124, 2015.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Trad. de Francisco Cock Fontanella. 2ª ed. Piracicaba: editora Unimep, 1999.

PETERS, Otto. **A educação a distância em transição**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

PETERS, Otto. **A Educação a distância em transição: tendências e desafios**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2009.

PRETI, O. Autonomia do aprendiz na educação a distância. In: PRETI, O. (org). **Educação a Distância: construindo significados**. Cuiabá: NEAD/ IE- UFMT. Brasília: Plano, 2000.

RACK, Josias Ricardo. **Introdução à Educação a distância**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SCHNITMAN, Ivana Maria. O perfil do aluno virtual e as teorias de estilos de aprendizagem. 3o Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação: redes sociais e aprendizagem, v. 1, p. 1-10, 2010.

SERAFINI, Alessandra Menezes dos Santos. **A idealização e a realidade: a autonomia do aluno em Educação a Distância.** 2012. 152f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Fedarla de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2012.

ZATTI, Vicente. **Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire.** Porto Alegre: EDPUCRS, 2007.